

AUTOEFICÁCIA E DESEMPENHO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II*

Ana Lucia de Oliveira Rosa¹
Cristina Hiromi Mori²
Eliane Ribeiro Bueno Dias³
Nandra Martins Soares⁴

RESUMO

O desempenho escolar é entendido como o grau de conhecimento e desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais por um indivíduo em um determinado nível educacional, porém a realidade brasileira é diversa, e o fracasso escolar tem sido recorrente neste contexto. A autoeficácia dos estudantes, juntamente com outras crenças e atitudes para a aprendizagem, é forte preditor de desempenho acadêmico. A autoeficácia influencia o desempenho acadêmico e, ao mesmo tempo, é influenciada por ele, tendo implicações no desenvolvimento do aluno. A partir disso o objetivo desse estudo é comparar a crença de autoeficácia e o desempenho escolar em alunos de uma escola pública de Foz do Iguaçu matriculados no sexto ano do ensino fundamental II. A pesquisa foi realizada com 32 alunos na faixa etária de 10 e 14 anos, 25 do sexo feminino e 07 do sexo masculino. Os dados foram coletados através do teste de desempenho escolar (TDE) e a escala de autoeficácia. Os dados foram analisados por meio de testes correlacionais pelo software SPSS. Os resultados obtidos demonstraram que não houve correlação positiva entre a crença de autoeficácia e o desempenho escolar, alguns fatores que podem ter contribuído para este resultado, são a falta de feedback avaliativo dos professores e familiares e a implementação de programas educacionais que facilitam a aprovação. Tais resultados são relevantes para os profissionais que atuam no contexto educacional, pois reafirmam a necessidade de se elaborar projetos pedagógicos e atividades que aproximem o estudante dos conteúdos escolares de sua realidade, promovendo atitudes positivas e maior engajamento.

Palavras-chave: Autoeficácia. Desempenho escolar. Ensino fundamental II.

INTRODUÇÃO

Atualmente o sistema educacional emerge-se em um momento de transição na sua história, pois a população infantil e adolescente está cada vez mais exigente em relação às diversidades contemporâneas do ser humano. Podemos destacar às atualizações tecnológicas, uma vez que o mundo digital está fortemente consolidado no cotidiano de cada um; no que tange o interesse das crianças e adolescentes da atualidade; na preparação do educador para receber um público diverso; nos problemas sociais que atravessam a esfera educacional e principalmente na distinção cultural de cada aluno.

*Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

¹Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, oliveirarosa.analucia@gmail.com

²Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, cristina.mori30@gmail.com

³Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, eliane-rbueno@hotmail.com

⁴Mestre e Orientadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
nandrasoares@yahoo.com.br

Entretanto percebe-se que a escola espera do aluno uma adaptação para se inserir no processo de ensino aprendizagem, e para que essa interação seja satisfatória, é esperado o sucesso escolar, no entanto fica evidente a existência de um padrão de ensino desajustado em relação à atualidade. A escola apresenta limitações para atender as particularidades do aluno, deixando-o muitas vezes desmotivado e acentuando sua dificuldade no desempenho acadêmico.

Hoje podemos dizer que a rede de ensino está permeada por vários problemas, como o abandono escolar, crianças que passam pela escola sem mesmo conseguirem se alfabetizar, queixas dos professores em relação à falta de concentração dos alunos, desinteresse, violência e indisciplina que corroboram com a consolidação dos problemas de aprendizagem (MAZER; DAL BELLO; BAZON, 2009).

Uma atualização de dados realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) apontam que até o ano de 2005, 27.063.256 crianças de 7 a 14 anos estiveram matriculadas no Ensino Fundamental no país (BRASIL, 2018). Apesar de esta informação sugerir um grande número de crianças que frequentam a escola, observa-se que a quantidade de alunos acessando o Ensino Fundamental foi acompanhada de repetência, abandono escolar e degradação da qualidade, deixando clara que a questão central da educação não é quantitativa, mas é referente à qualidade do ensino oferecido e o entendimento de que a educação é multifatorial (MAZER; DAL BELLO; BAZON, 2009).

Um dos fatores que está atrelado ao desempenho acadêmico é a autoeficácia, que de acordo com Bandura (1977) é a crença do indivíduo sobre a sua capacidade de desempenho em atividades específicas. Os estudos em geral têm abordado que os fatores ambientais e pessoais afetam a autoeficácia e essa crença influencia a aprendizagem, a motivação e a quantidade de esforço a ser investido nas demandas do contexto escolar. Alunos com senso de autoeficácia usam caminhos mais assertivos para o cumprimento de suas metas, e traçam sua ação de maneira coerente usando estratégias cognitivas, uma vez que são capazes de perceber a si mesmos com habilidades e apresentam estratégias para lidar com problemas potenciais.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi investigar a influência da crença de autoeficácia no desempenho escolar de alunos do ensino fundamental II de uma escola pública de Foz do Iguaçu-PR.

O estudo seguiu um delineamento quantitativo, com finalidade básica, e procedimentos correlacionais, e foi desenvolvida de maneira transversal. A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Foz do Iguaçu, com 32 alunos com faixa etária de 10 a 14 anos que estão matriculados no sexto ano do ensino fundamental II. Os instrumentos

utilizados para a coleta de dados foram um questionário sociodemográfico, o Teste de Desempenho Escolar (TDE) e o Roteiro de Avaliação de Autoeficácia. Os dados foram analisados por meio de testes estatísticos inferenciais, como ANOVA e Correlação de Spearman.

A partir dos resultados deste estudo, foi possível constatar que não houve correlação entre as duas variáveis investigadas, ou seja, a crença de autoeficácia não apresenta influência significativa no desempenho escolar. No corpus do trabalho será apresentado os possíveis fatores que podem ter motivado esses achados. No entanto é importante ressaltar que essa pesquisa pode auxiliar os profissionais da educação a identificar métodos mais assertivos ao lidar com as especificidades dos alunos, por meio do conhecimento de alguns fatores que podem fazer a diferença no processo de ensino- aprendizagem.

METODOLOGIA

Esse estudo foi de abordagem quantitativa e exploratória, desenvolvido de maneira transversal. O universo da pesquisa foi composto por 32 alunos com faixa etária de 10 a 14 anos, matriculados no sexto ano do ensino fundamental II, a escolha desta faixa etária é devido ao processo de transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, tal processo pode interferir na motivação do aluno, desencadeando uma diminuição no desempenho escolar (SILVA e WOLF, 2015). O local e os participantes da pesquisa foram selecionados por sorteio aleatório, e a coleta de dados foi realizada em uma escola estadual de Foz do Iguaçu. A priori o número de participantes sorteados foi de 60 crianças, no entanto não foi possível chegar a essa quantidade na coleta de dado, devido ao fato do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE não ter sido preenchido pelos responsáveis. Ressalta-se que essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e aprovada sob Parecer nº 2.850.874.

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra, e para a mensuração das dificuldades de aprendizagem foi utilizado o Teste de Desempenho Escolar – TDE (STEIN, 1994), que foi aplicado em toda a amostra. Esse instrumento foi construído para avaliar alunos brasileiros de 1º a 6º ano do ensino fundamental, com objetivo de identificar as dificuldades na escrita, aritmética e leitura.

Para medir o nível de autoeficácia foi aplicado o Roteiro de Avaliação de Autoeficácia (MEDEIROS, LOUREIRO, LINHARES e MARTURANO, 2000), composto por 20

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

afirmativas que focaliza a percepção da criança quanto ao seu desempenho acadêmico e sua capacidade de realização. No conjunto de 20 itens, nas dez afirmativas positivas a resposta sim é pontuada com valor 1 (um), e nas dez afirmativas negativas a resposta não é pontuada com valor 1 (um).

Ex.: Eu tenho me saído bem..... Sim = 1 e Não = 0

Eu quero parar de estudar logo..... Sim = 0 e Não = 1

A somatória do total de pontos obtidos no conjunto de 20 itens corresponde ao escore total, tendo-se por este critério que quanto maior a pontuação mais alto é o senso de autoeficácia.

Os dados coletados foram analisados por meio de testes estatísticos inferenciais, como ANOVA e Correlação de Spearman, através do software SPSS 18.0 com nível de significância de 95% ($p < 0,05$).

DESENVOLVIMENTO

Considerando que o processo de ensino- aprendizagem é a interação de uma série de fatores, cuja confluência determina o nível de rendimento da criança, então o sintoma de “não aprender”, pode estar atrelado a influências ambientais, biológicas, afetivas e sociais.

As influências biológicas podem ocorrer desde a gestação onde se inicia o desenvolvimento do feto, problemas relacionados a uma má alimentação da gestante, abuso de substâncias químicas e a falta de acompanhamento no pré-natal pode acarretar em danos cerebrais ou na diminuição de elementos neuroquímicos que comprometem o funcionamento cognitivo. As questões ambientais e afetivas ocorrem nos contextos sociais, como no familiar, escolar, de lazer etc., onde estas interações proporcionam influências nas variáveis internas como as escolhas, crenças, expectativas e afetos. E as limitações nessas interações podem ocasionar dificuldades no envolvimento e desempenho escolar. Neste trabalho serão abordadas somente as dificuldades de aprendizagem primárias definidas por Fonseca (1995).

Para Smith e Strick (2007) mesmo que as dificuldades de aprendizagem tenha ganhado foco nos últimos anos, ainda são pouco entendidas pelo público em geral, e ocorrem equívocos até entre os profissionais da educação, essa confusão ocorre porque o termo dificuldade de aprendizagem não se refere a um único fator, mais abrange muitos problemas que podem afetar qualquer área do desempenho escolar, envolvendo aspectos diferentes que podem prejudicar o sistema neurológico, psicológico, emocional e o ambiente no qual a criança está inserida, podendo ser a escola e a família.

As dificuldades de aprendizagem primárias por serem obscuras e difíceis de serem identificadas, necessitam de um diagnóstico mais aprofundado, pois abrange muitas dúvidas, não está associada com fatores médicos por isso a causa é desconhecida (FONSECA, 1995). Segundo Smith e Strick (2007) os alunos podem ter problemas envolvendo a linguagem como ouvir as palavras corretamente, compreender o significado, lembrar materiais verbais e comunicar-se claramente. As dificuldades começam com a palavra falada e normalmente interferem na leitura e escrita, quando a criança começa a frequentar a escola. As dificuldades de aprendizagem interferem no domínio de habilidades escolares básicas, pode haver uma discrepância entre a capacidade da aquisição do conhecimento, antes que a presença de uma dificuldade possa ser identificada.

Pesquisas apontam que um outro fator que pode influenciar na autoeficácia, e esse de ordem ambiental, pode ser a crença de autoeficácia. As crenças são desenvolvidas ao longo de toda trajetória de vida das pessoas, são incorporadas através da experiência de contato com os eventos em que elas tiveram resultados de fracassos ou sucessos, pesquisas demonstram que independentemente dos resultados das ações a autoeficácia têm grandes influências sobre os comportamentos e pensamentos, sejam eles auto debilitantes, positivos e negativos, a autoeficácia regula o quanto o indivíduo poderá se envolver ou fugir de determinada tarefa. (BANDURA, 2008).

Na concepção de Nunes (2008) a capacidade metacognitiva e de autorreflexão proporcionam ao indivíduo fazer auto avaliações corretas, conseguindo desta forma regular seu aprendizado e ter uma percepção real do seu desempenho nos sucessos e fracassos. Bons ajustes auxiliam em melhores níveis de desempenho e crenças mais positivas da capacidade do indivíduo.

Presume-se que a autoeficácia influencie o desempenho acadêmico e, ao mesmo tempo, seja influenciada por ele, tendo consequências no desenvolvimento da criança como um todo. Essa influência pode ocorrer tanto por ação direta quanto por seu impacto nos processos de motivação, de autorregulação e de auto percepção, nas expectativas de resultados e nas escolhas de seus interesses. Na escola, por exemplo, alunos confiantes em sua capacidade antecipam notas altas nas tarefas que realizam com a qualidade de seu trabalho a alcançar benefícios acadêmicos. Já alunos com baixo senso de eficácia não acreditam no seu poder de resolução nas atividades que realizam, além de não terem expectativas de ser reconhecidos pelo seu desempenho. Dessa forma, fica claro que pensamentos de baixa eficácia tendem a enfraquecer a motivação e prejudicar a performance (MARTINELLI; SASSI, 2010).

O sucesso escolar depende da convicção de si em controlar e dirigir o seu próprio pensamento, evitando, assim, o sentimento de desânimo e a frustração. O aluno tende a criar expectativas acerca dos resultados de seu desempenho e do valor atribuído ao sucesso escolar, e para que isso se torne significativo e importante em seu projeto de vida, precisa acreditar nas suas competências para ser bem-sucedido (BZUNECK, 2001).

Bzuneck (2001) chama a atenção quanto as práticas em sala de aula onde os professores fazem distinções entre os estudantes dando mais ênfase a algumas habilidades e outras não, esse comportamento do docente faz com que colegas se comparem entre si, isso faz com que a crença de autoeficácia diminua devido ao reforço dado as outras habilidades que não é a mesma que o aluno possui. Uma tarefa solicitada para a classe não deve ser exigida no mesmo nível de desempenho a todos, pois cada um tem sua individualidade e o desenvolvimento da atividade ocorrerá mediante a habilidade conquistada por cada um.

Alguns estudos mostram que o desenvolvimento da competência social e um repertório elaborado de habilidades sociais são fatores de proteção no desenvolvimento humano, em contrapartida, déficits de habilidades sociais na infância agem como fatores de risco, para as dificuldades de aprendizagem (DEL PRETTE, 2016). O ambiente escolar é um contexto em que as habilidades sociais estão em constante construção, principalmente na relação do aluno com o professor, funcionários e colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos resultados foi considerado os resultados obtidos no teste TDE e na Escala de Autoeficácia. Na Tabela 1 é apresentado os dados referentes a autoeficácia e o desempenho escolar.

Tabela 1 ANOVA e Correlação do Teste de Desempenho Escolar (TDE) e Autoeficácia

Variáveis	GL	SC	CM	F	R	p-valor*
TDE x AutoEficácia	1	224,1	224,1	1,23	0,198	0,276
Erro residual	30	5469,4	182,3			
Total	31	5693,5				

*Significativo $p < 0,05$

Fonte: Autoria própria

Na Tabela 1 é possível observar que não houve correlação entre as duas variáveis ($r=0,198$, o desejável seria próximo de 1), ou seja, a crença de autoeficácia não apresenta influência significativa no desempenho escolar ($p=0,276$).

Os resultados desta pesquisa corroboram com a investigação de Braten et al. (2004) com 178 alunos noruegueses, onde a crença de autoeficácia não se mostrou significativa. Entretanto outros estudos mostram que alunos com crenças positivas de autoeficácia se mostram mais engajados nas tarefas, salientando que as crenças de autoeficácia devem ser pautadas nas capacidades reais dos indivíduos e não apenas por encantamento, ou seja, apenas elogiar o aluno, mas não dizer os aspectos que precisam ser melhorados, visto que ela não corrige as dificuldades de aprendizagem, mas proporciona o uso de estratégias mais objetivas que contribuem para o sucesso escolar (SCHUNK, 1991; PAJARES, 2007; BANDURA, 1989).

Diante de vários fatores que podem exercer influência sobre a crença de autoeficácia, a pesquisa de Rodrigues e Barrera (2007), comprovou uma correlação positiva entre as crenças de autoeficácia e desempenho escolar de alunos do ensino fundamental, demonstrando que estudantes com bons rendimentos, mostraram-se mais motivados a lidar com as demandas escolares, no entanto esse resultado não corrobora com os achados dessa pesquisa, uma vez que foi encontrado um rendimento escolar abaixo do esperado de acordo com sua idade e crenças de autoeficácia positivas sobre seu desempenho acadêmico, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 Desempenho Escolar Esperado para a Idade e Autoeficácia

Variavel	Idade	N	Media	DEI*
TDE	10	1	120	107
	11	19	114,21	115
	12	8	107,88	118
	13	3	96,3	119
	14	1	114	119
Autoeficacia +	10	1	20	
	11	19	17,89	
	12	8	15	
	13	3	14,67	
	14	1	16	
Autoeficacia -	10	1	0	
	11	19	2,1	
	12	8	5	
	13	3	5,33	
	14	1	4	

*Desempenho Escolar Esperado para a Idade

Fonte: Autoria própria

A partir destes resultados é possível perceber que os alunos têm crenças positivas em relação ao desempenho escolar, entretanto o estudo evidência uma autopercepção distorcida das habilidades acadêmicas. Alguns fatores que podem contribuir com este resultado, seria a falta de feedback avaliativo fornecido pelo professor e família não estimulando ao aluno a construir crenças condizentes com o desempenho e também não desenvolver estratégias mais efetivas para domínio do conhecimento (MOREIRA, REIS e SANTOS, 2016).

Esse achado também pode ser explicado a partir da ideia que o senso de autoeficácia dos estudantes pode estar relacionado também à idade, pois, de acordo com Capistrano et.al. (2014) crianças com menor idade tendem a apresentar um senso de autoeficácia mais elevado do que os seus pares mais velhos. Sob o ponto de vista de Silva e Wolf (2015) o conhecimento não deve ser fragmentado, pois uma disciplina complementa a outra, o aprendizado integrado sobre um determinado tema favorece o desenvolvimento do conhecimento holístico. Nesse sentido, ao iniciar o sexto ano, a criança passa por desafios, este período de adaptação se caracteriza por uma diversidade de conhecimentos, os quais deveriam ser preparados com o objetivo de promover o avanço com qualidade dessa aprendizagem.

No contexto acadêmico, um aluno motiva-se a envolver-se no processo de aprendizagem caso acredite que, com seus conhecimentos, talentos e habilidades, poderá adquirir novos conhecimentos, dominar um conteúdo ou melhorar suas habilidades. Assim, esse aluno escolherá atividades e estratégias de ação. Com crenças de autoeficácia, o esforço se fará presente desde o início e ao longo de todo o processo, mesmo que sobrevenham dificuldades e desafios (BZUNECK, 2011). Como postula Silva e Wolf (2015) ao longo do Ensino Fundamental os alunos passam por experiências escolares que interferem no desempenho enquanto alunos. A autoeficácia, juntamente com outras crenças e atitudes para a aprendizagem, além de influenciar o desempenho acadêmico, também é influenciada por este. No caso das crianças que apresentam mau desempenho acadêmico, a baixa autoeficácia enfraquece a crença no próprio potencial, podendo agravar seu desempenho escolar. Na área escolar, as crenças de autoeficácia são convicções pessoais sobre as capacidades relacionadas às demandas específicas do cotidiano e atividades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas variáveis que influenciam nas dificuldades de aprendizagem, como a implementação de programas educacionais que tentam diminuir a evasão escolar e o estigma social, entretanto não trabalham a subjetividade dos alunos, não solucionando efetivamente as dificuldades escolares, conseqüentemente eles passam de série/ano, mas não obtêm a aprendizagem necessária para diminuir o fracasso escolar.

Esse estudo foi baseado em diversos autores, que mostram a influência da autoeficácia na aprendizagem dos alunos, entretanto, nos participantes deste, a crença de autoeficácia não se mostrou significativa no desempenho escolar, pois alunos com resultados inferiores no teste de TDE obtiveram crenças positivas elevadas na escala de autoeficácia.

Durante a aplicação da escala foi possível perceber uma incongruência das crenças dos alunos sobre seu rendimento escolar, muitos relatos sobre dificuldades em determinadas matérias, notas abaixo da média, mas a percepção deles é distorcida em relação ao desempenho, uma vez que se mostram otimistas por conseguirem obter a média das matérias e não ter histórico de reprovação.

É importante mencionar que durante a aplicação dos instrumentos, os alunos relataram que não recebem feedbacks dos docentes e dos responsáveis, sobre o seu desempenho escolar, o que contribui de forma significativa para a dificuldade em conseguir avaliar suas crenças com suas reais capacidades, dando a falsa impressão que o ensino e a aprendizagem está ocorrendo de forma satisfatória.

Desse modo, sugerem-se novas pesquisas nessa perspectiva, uma vez que o cenário da educação e da aprendizagem é permeado por fatores de ordem social, ambiental e afetiva além do biológico e nesse sentido é de suma importância ampliar discussões e diálogos sobre os aspectos que interferem nesse processo. É notório que na literatura não há consenso sobre esses fatores, então a amplitude de pesquisas irá proporcionar uma visão mais homogênea no campo educacional.

REFERÊNCIAS

MAZER, S. M.; DAL BELLO, A. C.; BAZON, M. R. Dificuldades de Aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 2009, p. 7-21.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. INEP, 2018. Disponível em: <http://www.edumat.abrasil.inep.gov.br>. Acesso em: 23 maio 2018.

BANDURA, A. (1995). Exercise of personal and collective efficacy in changing societies. In: A. Bandura (Ed). Self-efficacy in changing societies (pp.1-45). Cambridge: Cambridge University Press.ing.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BANDURA, A. Role of affective self-regulatory efficacy in diverse spheres of psychosocial functioning. **Child Development**: Stanford, v. 1, n. 74, p.769-782, ago. 2003.

BANDURA, A. Agency in Social Cognitive Theory. **American Psychologist**: Stanford, v. 44, n. 9, p.1175-1184, set. 1989

BANDURA, Albert. Perceived self-efficacy in cognitive development and. **Journal of Motor Behavior**, 1993.

SILVA; I. G. ,WOLF; R. A. do P.. A Transição Dos Alunos Do Quinto Para O Sexto Ano Do Ensino Fundamental: Possibilidades E Contribuições Durante A Transição Por Meio De Um Processo De Ensino E Aprendizagem Significativa. **Cadernos PDE**: versão Online, 2015.

MEDEIROS, P. C.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B. M.; MARTURANO, E. M. O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. **Estud. psicol.**, 2003, vol.8, n.1, pp.93-105.

FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de a a z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NUNES, Maiana Farias Oliveira. Funcionamento e desenvolvimento das crenças de auto-eficácia: Uma revisão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Itatiba, v. 1, n. 9, p.29-42, 29 jun. 2008.

MARTINELLI, S. C; SASSI, A. de G. Relações entre Autoeficácia e Motivação Acadêmica. **Psicologia Ciência E Profissão**, 30 (43), 780-791, 2010.

BZUNECK, J. A. **As Crenças de Auto-Eficácia e o Papel na Motivação do Aluno.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: estudos de avaliação e de intervenção. **Núcleo de Estudos em Problemas de Aprendizagem – FMRP/USP**, 2016.

BRATEN, I.; SAMUELSTUEN, M. S.; STROMSO, H. I. Do students' self-efficacy beliefs moderate the effects of performance goals on self-regulatory strategy use? **Educational Psychology**, v. 24, n. 2, p.231-247, abr. 2004. <http://dx.doi.org/10.1080/0144341032000160164>.

SCHUNK, D.H. Self-efficacy and academic motivation. **Educational Psychologist**, North Carolina, v. 20, n. 26, p.207-231, jun. 1991

PAJARES, F., et al. Sources of Writing Self-Efficacy Beliefs of Elementary, Middle, and High School Students. **Research in the Teaching of English**, vol. 42, no. 1, 2007, pp. 104–120.

RODRIGUES, L. C.; BARRERA, S. D. Auto-eficácia e desempenho escolar em alunos do ensino fundamental. **Psicol. Pesq.** 2007, vol.1, n.2, pp. 41-53.

MOREIRA, B. B. G.; MARTINS-REIS, V. de O.; SANTOS, J. N. Auto percepção das dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental. **Audiology - Communication Research**, v. 21, p.1-6, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6431-2015-1632>.

CAPISTRANO, R.; et al. Autoeficácia e desempenho escolar de alunos do ensino fundamental. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Volume 18, Número 3, Setembro/Dezembro de 2014: 411-420.